

RESSIGNIFICAÇÃO DAS CAVALHADAS DE ARGOLINHAS EM CAMPINA GRANDE-PB

Agnaldo Barbosa dos Santos – agnbs51@yahoo.com.br
Graduação em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
Pós-graduação em Estudos Regional pela Universidade Estadual do Ceará (UECA). Mestrado em Ciências da Sociedade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor da UEPB do Curso de Geografia.

RESUMO

Neste artigo, apresentarei parte da minha tese de doutorado, sobre as Cavalhadas de Argolinhas como formas de folguedos ou jogos populares que figuram no folclore brasileiro tradicional. Através dos tempos, elas passam por mudanças, no espaço urbano e rural, sendo ressignificadas, como acontece no município de Campina Grande-PB. Esta pesquisa, ora desenvolvida, tem como objeto de estudo as cavalhadas de argolinhas, no domínio das representações da cultura popular e o seu desempenho atual em território campinense e adjacências. A investigação, de caráter exploratório, realizou a coleta de materiais, através do contato com os brincantes, de cada lugar investigado. Esta coleta subsidiou a análise que explicitou todo processo de evolução e/ou transformação por que passou a cavalhada de argolinha, o que subsidiou as respostas, às questões da pesquisa, através dos objetivos estabelecidos: Explicar o fenômeno das mudanças em relação ao jogo de argolinhas, em Campina Grande, evidenciar o valor sócio-cultural dos jogos de argolinhas; analisar o perfil sócio-econômico e cultural dos participantes das cavalhadas de argolinhas e investigar materiais empíricos e históricos relacionados às cavalhadas.

Palavras-chave: Cavalhadas de argolinhas, Cultura popular, Folclore, Campina Grande-PB.

1. CONFORME INFLUÊNCIA HISTÓRICA: Cavalhadas clássicas e de argolinhas

As cavalhadas de argolinhas, vistas como espetáculo, divertimento, brinquedo, folguedo ou jogo, ainda guardam resquícios “dos dotes da nobreza na arte da cavalaria, que sublimava em justas e torneios a memória de antigas glórias guerreiras”, conforme Tinhorão (2000, p. 47). Em Portugal eram praticadas desde o século XV e estabeleceu-se aqui no Brasil no século XVII, na época em que Pernambuco passou para o domínio holandês (1630 – 1654) e Portugal perde a própria soberania, com a passagem da coroa para a Espanha (1580 – 1640). De Pernambuco, as cavalhadas se expandiram para todo o Brasil. O folguedo resistiu e sobreviveu sem descaracterizar o seu núcleo simbólico, decorrente do desenvolvimento do imaginário em sintonia com o real.

As cavalhadas, quase sempre tendem de uma forma ou de outra, a retornar à Idade Média e contém a possibilidade viva desse retorno, representado através do aparato de que se reveste, imitando personagens como Rei Arthur da Távola Redonda e o imperador Carlos Magno. Também as cavalhadas tratam das representações simbólicas da história da luta entre os cristãos, liderados pelo imperador Carlos Magno contra os mouros (muçulmanos - propagadores da religião islâmica - vindos da Mauritânia – norte da África), na invasão da Península Ibérica, conforme nos informa Azevedo (s.d.). Cada povo ou grupo soube guardar, no tempo, sua memória, seus feitos do heroísmo histórico, as versões dos feitos de glórias, nas lutas pela vitória, nas derrotas das guerras.

Em se tratando das cavalhadas, motivadas pelos torneios, convém lembrar que inicialmente eram desenvolvidas pelos nobres e depois se popularizaram. Isto se tornou possível por conta da circularidade da cultura. A história é feita pelos os homens, pois, atravessou os oceanos e até outros espaços, transformando sociedades de colonizados, através de métodos usados pelos colonizadores, que variaram, dependendo das próprias condições geográficas, histórica, política, socioeconômicas e cultural de cada sociedade de diferentes épocas. Tais filiações chamam atenção para a necessidade de se identificar, não como unidades coerentes em si mesmas, mas partindo, então, da gênese de uma construção híbrida intercultural, o que para Bhabha significa que:

Ao tentar empreender essas transformações audaciosas, freqüentemente impossíveis, da verdade e do valor, o testemunho áspero da deslocação colonial, seu deslocamento de tempo e pessoa, sua profanação da cultura e território, Fanon [em sua obra *Pele negra, máscaras brancas*] recusa a ambição de qualquer teoria total da opressão colonial [...]. A luta contra a opressão colonial não apenas muda a direção da história ocidental, mas também contesta sua idéia historicista de tempo como um todo progressivo e ordenado (1998, p.71-72).

Historicizar é fornecer indício de materiais, de conhecimentos sociais e históricos, dos quais emergiram os problemas individuais e coletivos das sociedades passadas e das sociedades presentes. Os sujeitos de culturas híbridas se constroem e assumem ao mesmo tempo, aspectos de uma semelhança ou de seu desmembramento, que impulsionam o desejo de realização de algo, muitas vezes em processo, no imaginário cultural. O espaço cultural híbrido “surge contingente e disjuntivamente na inscrição de signos de memória cultural e de lugares de atividade política”, na ótica de Bhabha (1998, p.27), o que não impede de situarmos Canclini (1997, p.329) que, situando a cultura no âmbito do pós-modernismo, destaca “a co-presença tumultuada de todos, o lugar onde os capítulos da história da arte e do folclore cruzam entre si e com as novas tecnologias culturais”.

No contexto atual a presença das cavalhadas de argolinhas ainda perdura porque os aficionados do folguedo ainda interagem naquela perspectiva de que falam, Denzin e Lincoln (2006). Também é todo um imaginário que se nos apresenta como legado da cultura, vivenciada por pessoas simples, principalmente. Se trouxermos isto para o campo da semiótica na esteira de Nóbrega (2006, p.55) “todo fato de cultura é visto como um fato de comunicação”. E os brincantes e aficionados das cavalhadas de argolinhas comunicam alegria e transmitem todo um manancial de uma tradição que não quer ser superada pelo esquecimento, que leva ao aniquilamento de um imaginário rico de nuances diversificadas que, relacionado com o real, sedimenta o campo do simbólico.

O imaginário, na ótica de Laplantine (1997, p. 80): “Possui uma lógica própria compartilhada pela coletividade, que desafia a descrença na existência de seres extraordinários (os que persistem) e nas experiências insólitas”. Ainda podemos dizer que “a fantasia também ultrapassa as representações sistematizadas pela sociedade, criando outro real” (LAPLANTINE e TRINDADE, 1997, p. 80), aquilo que defendemos como nosso chão.

Considerando o exposto, esse sentido é abordado de forma analítica das reais condições em que se manifesta concretamente a história do homem na sociedade (como as cavalhadas de argolinhas, de Campina Grande). A sociedade é dinâmica, no que tem de historicidade, enfatizando o sentido da história dos conhecimentos que os indivíduos constituem em comunidade, no sentido coletivo e dinâmico de cada ser vivo e pensante que se relaciona e faz suas alianças socioeconômicas e culturais. Dessa maneira, a ressignificação das cavalhadas de argolinhas é de fundamental importância numa realidade permanente social, artística e cultural de Campina Grande, em que os atores praticantes desse jogo esportivo constroem o novo e nele atuam.

As cavalhadas adequam-se às contingências históricas e às exigências sociais, atravessando o tempo e o espaço, como um foco de resistência, com vistas à manutenção da tradição. Também este folguedo se caracteriza a partir de representações desenvolvidas por pessoas ligadas às normas estabelecidas pelos grupos organizados em torno dos espetáculos.

O núcleo das cavalhadas está no folclore, isto é, no cerne da cultura popular, o que será posteriormente explicitado. Esta pesquisa se deteve num estudo sobre as cavalhadas de argolinhas na cidade de Campina Grande. Aqui elas se manifestam com um teor regionalista, integrando-se a outras formas de manifestações populares da cultura. Atuam, também, como instrumento de preservação de identidade do povo, sempre voltado para a valorização de eventos culturais que contribuem para desenvolver na comunidade o desejo de manter a tradição.

Portanto, a prática das cavalhadas de argolinhas realizadas por amantes e adeptos desse esporte em região de Campina Grande, pode ser entendida como práticas simbólicas, através de um sistema sociocultural e artístico, por criarem vínculos comunitários e de contato real entre os competidores praticantes do evento, o que possibilita a exploração do campo imaginário.

Os torneios continuaram. A cavalaria desapareceu, transformando-se nas cavalhadas atuais, em terras do Brasil. Dessa maneira, as cavalhadas não têm o objetivo inicial de preparação de cavaleiros para combates. Conservam, no entanto, a revivência das lutas, transformadas agora em folguedo.

2. A CAVALHADA BRASILEIRA: uma tentativa de apresentação

As Cavalhadas são provenientes da tradição portuguesa, com elementos de aculturação de outros povos da península ibérica. A sua implantação, aqui no Brasil se deu no século XVII, conforme já foi informado. Presentes em quase todas as regiões do país, apresentam variantes de um lugar para outro. As cavalhadas também se destacam na literatura. Diversos escritores brasileiros descreveram as Cavalhadas: Bernardo Guimarães, em **O Garimpeiro**; José de Alencar, em **As Minas de Prata**; Érico Veríssimo, em **O Tempo e o Vento**; Ariano Suassuna, em **A Pedra do Reino**; entre outros. Carlos Rodrigues Brandão, trata das Cavalhadas de Pirenópolis, em Goiás. No Rio Grande do Sul, o estudioso Paixão Côrtes, também focaliza as cavalhadas e Thêo Brandão, em Maceió, apresenta as cavalhadas, associadas aos Folguedos Natalinos. Estes autores ora focalizam as cavalhadas clássicas como Brandão, ora trabalham com cavalhadas de argolinha, como Côrtes. Segundo Câmara Cascudo (1972, p. 241):

Em Portugal, desde o período medieval, as cavalhadas eram manifestações tradicionais de desfiles de cavaleiros das festas religiosas, políticas e guerreiras, cavalhada com desfile a cavalo, corrida de cavaleiros, jogos de canas, jogos de argolinhas ou manilha.

As cavalhadas de argolinha são formas de folguedos ou jogo popular que figuram no folclore brasileiro tradicional e vêm sofrendo mudanças ou se transformando, no espaço urbano e rural. Estas mudanças e transformações mais específicas estão relacionadas ao afastamento do campo das tradições, no que tange aos rituais relacionados ao plano do sagrado, como acontecia por ocasião de romarias, comemoração do santo do dia, ou ida às igrejas para pedir proteção. Tudo isto constituía as cavalhadas originárias. Vale salientar, ainda, que as cavalhadas tiveram origem nas guerras entre mouros e cristãos, nos tempos das cruzadas e traduzem uma peculiar inter-relação da realidade e da imagem, características das formas antigas dos ritos, dos torneios medievais de natureza artística, folclórica ou cultural. Segundo Azevedo (s.d, p. 265):

A cavalhada é uma reminiscência dos torneios da Idade Média, onde os aristocratas exibiam, em espetáculo público, sua destreza e valentia. Na época do feudalismo os torneios reviviam os combates de gladiadores dos circos romanos [...]. O combate individual chamava-se justa e o coletivo, torneio.

Esses combates eram individuais, e uma forma de preparação de cavaleiros para a cavalaria, cuja criação se atribui ao rei Arthur, fundador da Távola Redonda, como também ao Imperador Carlos Magno.

A imagem, recorrente ao conhecimento da história, constitui um ponto modal, pela divulgação no Brasil, no século XVIII, da história do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França, editado, em Servilha-Espanha, início do século XVI (1520), sendo posteriormente editado em português. Nesta obra há o enfoque dado aos torneios, em que se incluíam o que se chama hoje de cavallhada. Além da perspectiva utilitária, (preparação de cavaleiros para participarem de lutas internas e/ou externas) sobressaía uma perspectiva lúdica; o que contribuiu também para a organização dos torneios como fonte de divertimento, de onde eram selecionados os prováveis guerreiros que iriam para o campo de lutas.

Conforme Jean Flori, (2005, p. 121) “O exercício da cavalaria podia criar condições que favoreciam o acesso à nobreza”. Todavia, essa promoção era obtida pelos cavaleiros servos através de suas habilidades, na arte de cavalgar e do exercício das armas, aprovados por seus senhores mestres, atingindo um nível social mais elevado, permitindo-lhes e aos seus descendentes alcançarem a classe da nobreza.

Conforme Brandão (1973): Os senhores feudais para desviar a atenção do povo de problemas importantes, custeavam todo espetáculo de cavallhadas, e quando chegava o dia da festa, estava tudo preparado, e durante o torneio a população aplaudia as habilidades dos cavaleiros. Estão presentes na cavallhada brasileira dois elementos básicos: o lúdico e o religioso. O lúdico, já referenciado, é o fundamental, constituído em jogos de destreza; o religioso está centrado na origem ibérica e, em sua manifestação, explora os elementos que tendem para explorar a emoção.

Como folguedo tradicional e popular que figura entre as vivas tradições brasileiras, cada cavallhada tem sua história, sua época, seu modelo de realizações com diferenças localizadas de um estado para outro, assim como de região para região e se apresenta como forma de expressão nos processos culturais e leva-nos a refletir no que há de mutável e transformacional na cultura tradicional. Quase sempre existe uma mostra de heroísmo e lealdade ao cristianismo, à moda do continente europeu, o que já se incorporou, há tempo, ao folclore brasileiro. No Brasil, na época de colônia e de império, foi introduzida sob autorização da “coroa”, pelos jesuítas, com objetivos de catequizar os gentios e escravos africanos, mostrando nisto o poder da fé cristã. A participação das classes dominantes (nobres da casa real, ricos fazendeiros, senhores de engenho, seus filhos e parentes e ricos comerciantes de família tradicional de cor branca) era uma das características dos torneios das cavallhadas, de herança portuguesa. Faziam parte das festividades cívicas e religiosas, e posteriormente se acentuaram em nossos costumes como um elemento da cultura popular.

Pirenópolis, no estado de Goiás, mantém até hoje essa tradição, porque os seus primeiros habitantes (colonizadores), eram em sua maioria de origem portuguesa, procedente da região norte de Portugal, área de maior resistência à invasão moura. Este espetáculo faz parte das comemorações da Festa do Divino Espírito Santo, em que vinte e quatro cavaleiros apresentam esse jogo esportivo originário dos conflitos entre mouros e cristãos. O espetáculo foi introduzido na cidade em 1826, pelo padre jesuíta Manoel Amâncio da Luz, também com o objetivo de catequizar índios e

escravos africanos, como uma forma de representação chamada de “O Batalhão de Carlos Magno e os Pares de França”, segundo nos informa Brandão (1981).

A cavalcada de Pirenópolis acontece sob forma de cortejo, com desfile e apresentações evolutivas nas lutas simuladas entre os integrantes, havendo disputa de prêmios, coletivo e individual. A apresentação começa sempre com a entrada dos mascarados, sendo tão grande a atração, quanto a dos cavaleiros mouros e cristãos. Tradicionalmente existem vários tipos de mascarados. A máscara de boi é a mais tradicional, e só é encontrada entre os mascarados de Pirenópolis, que se localizam num campo determinado ao combate. Do lado esquerdo ficam os doze cavaleiros mouros vestidos de vermelho, e do lado direito os doze cavaleiros cristãos vestidos de azul, representando a cor do cristianismo.

De acordo com Brandão (1981): “As cavalcadas de Pirenópolis constituem a mais representativa nesse estilo, se tornando a mais famosa e expressiva, duram três dias seguidos e seus preparativos começam quinze dias antes do início da Festa do Divino”. As cavalcadas acontecem em vários municípios do interior do Brasil, organizadas por grupos amantes do tradicional torneio eqüestre e continuam exibindo-se em festas locais e regionais de padroeiros. Em 1641, foi realizada a primeira cavalcada de argolinhas, promovida pelo Conde João Maurício de Nassau, quando da comemoração da reconstrução de Portugal do domínio espanhol. Na ótica de Câmara Cascudo (2001, p.22): “O governador do Brasil holandês dividiu os cavaleiros em duas quadrilhas de holandeses e portugueses, realizando a festa registrada por Frei Manuel Calado”, o que se constitui como um dos mais antigos registros.

A cavalcada de argolinha é diferente das cavalcadas clássicas, considerando-se que a clássica é um folguedo que evoca os torneios medievais e os combates dos cristãos e mouros, fundamentados no livro Carlos Magno e os Doze de Pares de França. Nestas cavalcadas as principais personagens são representadas pelos cavaleiros armados de lanças e espadas. A corte é representada pelo rei, embaixadores, princesas, príncipes e servos, todos vestidos com ricas indumentárias. Segundo Flaviense (s.d. p. 25):

Esses cavaleiros recebem os nomes de: Roldão, Oliveiros, Gui de Borgonha, Ricarte de Normandia, Urgel de Danoá, Guarim de Lorena, Bosin de Gênova, Tiete de Dardânia, Duque de Nemé, Hoel de Nantes, Geraldo de Mondifer e Lamberto de Bruxelas. Estes cavaleiros heróis de origens nobre carolíngia, formavam os Doze Pares de França.

A cavalcada de argolinha, por sua vez, marcada por uma divisão partidária, retrata detalhes apresentando rivalidade, através da demonstração de notáveis habilidades dos cavaleiros citadinos, o que permanece até hoje. Há exibição de perfeita equitação, e a passagem, tão festejada, caracteriza a cavalcada de argolinha apresentada na região nordeste e em outras regiões do país. Esse folguedo teve início na região nordeste e vem desde o processo de colonização do território brasileiro.

3. CAMPINA GRANDE: O celeiro paraibano da cavalhada de argolinha

Na Paraíba, essa tradição aparece em alguns municípios como uma espécie de corrida com disputa. Em Campina Grande, as cavalhadas de argolinhas, começam a figurar entre as vivas tradições artísticas e culturais em alguns bairros e no meio rural, surgidas por iniciativa de grupos sociais, influenciados por grupos de outras cidades. Cada jogo de argolinhas tem sua história, isto é, cada cavalhada é diferente da outra, apresentando nuances que interferem no plano da significação. Todos esses espetáculos fazem parte dos calendários festivos e marcam presença, referente às tradições culturais do povo. As cavalhadas reportam-se a uma realização com destaque, da luta entre os mouros e cristãos na fase clássica, como também o jogo de argolinhas, competição que procede de uma aculturação espanhola e portuguesa, vista aqui como assimilação da cultura dos colonizadores, o que lembra a época da dominação espanhola em Portugal, de 1580 a 1640.

Em Campina Grande, as festas das cavalhadas tiveram início a partir de 1970 e ganharam fama popular, alguns anos depois. A reunião da comissão organizadora acontece dois meses antes da data prevista para o início dos treinos, como também a escolha do santo a ser festejado, como acontece na época do São João. É um longo ritual de doze domingos seguidos, o que se converte em verdadeiro tempo de festa, durante a fase dos ensaios.

No último domingo, executa-se o evento oficial, a “cavalhada de argolinhas”. Fazem parte desse espetáculo, vinte e quatro cavaleiros, divididos igualmente em dois grupos. Cada grupo é composto de um mestre, um contramestre, um lanceiro, porta-estandartes (organizadores do evento), as rainhas e os cavaleiros dos respectivos cordões, azul e vermelho. Os grupos aqui são chamados de cordões.

Todos respeitam a cor do seu cordão e dos companheiros. No último dos doze domingos pela manhã, começa a primeira parte do evento: o desfile. À frente vêm as duas rainhas, cada rainha em carroças de burros enfeitadas com as cores dos respectivos cordões, logo após os porta-estandartes. Em seguida, os corredores de jaquetas azuis e os de jaquetas vermelhas, simbolizando as cores de cada partido, e por baixo das jaquetas, camisas de malhas brancas e as calças de cores diversas. Acompanhando os cordões quase sempre vem um carro de som, como também um fogueteiro, soltando fogos, anunciando o acontecimento do dia, o “jogo de argolinhas”.

Os cavaleiros formadores desse jogo esportivo percorrem montados em seus cavalos, as ruas do bairro ou zona rural, local da disputa. Acreditamos que as cavalhadas aqui realizadas possuem características peculiares do município. Apresenta diferenças indenitárias com traços da herança cultural, que atinge homens, mulheres, adolescentes e crianças da própria família do corredor. Não há distinção socioeconômica e política entre os corredores. O importante é que haja integração na comunidade, onde ocorre o torneio.

Quanto à execução do espetáculo, a coordenação organiza um amplo espaço com pistas largas. A pista deve medir 130 metros de extensão, por 6 metros de largura, com traves com 3 metros de altura. As traves devem ficar aos 25 metros do final do campo, onde vai acontecer a corrida. Nas laterais do campo, com uma certa distância, colocam os postes enfeitados com bandeirolas de papel azul, vermelho e branco, colorindo ainda mais o ambiente da festa. Próximo ao poste fica a mesa, com a comissão julgadora, formada por conhecedores do folguedo e das regras do jogo, para computar os pontos conquistados entre os corredores.

A partir das doze horas e trinta minutos, o locutor anuncia a entrada dos cavaleiros, lendo, numa planilha, os nomes de todos os participantes, de acordo com as alas partidárias. Em seguida, o trio de forró apresenta a música “Ave Maria Sertaneja”, do rei do baião, Luiz Gonzaga. Ao mesmo tempo, o fogueteiro solta pistolões (fogos), a população presente se agita, aplaudindo os cavaleiros, ao mesmo tempo que observamos os corredores e seus familiares presentes se acelerarem emocionados. É o momento da festa propriamente dita. Dá-se início ao evento tão esperado com o desfile, no espaço oficial do jogo de argolinhas. Da mesma maneira é importante lembrar que vêm à frente do cortejo os porta-estandartes, as rainhas, e logo após, os corredores em fileiras e em pares. Eles dão volta por fora e por dentro do campo com evoluções coreográficas.

Os cavaleiros tomam posição para dar início à disputa na corrida de argolinha. Os corredores alternam-se por pares, um do cordão azul e outro do vermelho (cada corredor ao lado do seu cordão). Quando soa o apito do juiz, os corredores firmam-se na sela, apontam a lança, dão partida no cavalo e saem galopando em direção às traves, onde se encontram as argolinhas, de acordo com a cor do seu cordão. Ao passar em baixo delas com sua lança com ponta de flandres, confeccionada por um flandeleiro da região. As lanças – réplicas usadas pelos cavaleiros medievais – mas em tamanho muito menor, são utilizadas, na tentativa de arrebatá-las. Alguns chegam a tocar a argola e não conseguem tirá-la. Aqueles que conseguem fazê-lo, imediatamente vêm que ela se solta na ponta da lança e o competidor é aplaudido pelo público, pela sua destreza e habilidade como competidor. No percurso dos cavaleiros, o público torce, aplaude e grita: tirou... tirou... tirou... se referindo à retirada da argola pelo competidor, o que significa ponto computado, isto é, ponto ganho.

O ponto alto da cavalcada de argolinha acontece quando o cavaleiro consegue tirar a argola da garra, tornando-se o momento mais importante. Aquele que mais pontuar, tanto no coletivo, quanto no individual, é o vencedor. As torcidas de cada grupo se rivalizam em animações como se estivessem em um campo de futebol, torcendo pelo seu time preferido. A expectativa no meio dos participantes e do próprio público é muito grande. De certo modo, se espalha por todo o local do espetáculo, durante todo o tempo, junto ao brilho da grandiosa e animada festa. A equipe que conseguir mais argolas, como vencedora, tem a vitória festejada e recebe prêmios, sendo a rainha do cordão vencedor coroada, no baile dos competidores. Em geral, brincantes e convidados dançam com suas esposas, noivas, rainhas e convidados, ao som de um “Trio de Forró”, com sanfona, triângulo e zabumba, numa mistura de ritmo, que anima e deixa todos satisfeitos.

Atualmente os espaços livres para a prática desses jogos esportivos vêm enfrentando vários problemas, conforme o testemunho de adeptos de cavalhadas, em Campina Grande. A sua sobrevivência decorre de alguns fatores que de certo modo determinam valores, no dia-a-dia das pessoas, amantes desse esporte. Valores que funcionam como regras de convivência e experiência entre os grupos. Dentre esses problemas as expansões imobiliárias, com a rápida urbanização, reduzem os espaços desse esporte, agravado pelo processo econômico, que tem dificultado esses investimentos culturais, pela falta de dinheiro que impede a aquisição de cavalos e acessórios para o evento.

Os mais jovens nem sempre estão bem informados e às vezes desconhecem a memória histórico-cultural que dá consistência à tradição. A carência de espaço físico é um dos fatores que contribuí para a possível redução dos eventos, principalmente na área urbana. Atualmente as cavalhadas realizam-se no meio urbano/rural de Campina Grande, no Bairro de Santa Rosa, Alto Branco e Cuités. A prática desses jogos conta com a participação de várias camadas sociais, dentre elas carroceiros, vigias, guardas-noturnos, segurança pessoal e outros, notadamente os que exercem profissões humildes.

Essas atividades persistem pela manutenção da valorização da memória histórica de Campina Grande. Nesta cidade entre riqueza e miséria, o indivíduo simples torna-se excluído e, reprimindo seus sonhos e desejos, enfrenta indivíduos diversificados, na tentativa de superar dificuldades advindas de condição econômica insatisfatória.

A exclusão, pois, acontece de forma rápida e está relacionada com a questão da desigualdade social, sobretudo ligada à pobreza. É neste cenário com essa gente simples, que surgem possibilidades de recriar, reinventar, ressignificar o sentido dos espetáculos, deixando fluir ideias e desejos o que nem sempre é possível, em todos os espaços onde ocorriam as cavalhadas.

4. RELAÇÃO TEMPO E ESPAÇO: A memória diluída na tradição

O próprio tema das cavalhadas de argolinhas anuncia aspectos de uma tradição que implica na preservação do já vivido em outras instâncias do passado em espaços localizados na memória coletiva, de que fala Halbwachs (1990). Sabemos, no entanto, que o processo histórico é marcado por mudanças e transformações, razão por que nada permanece o mesmo, principalmente nos tempos atuais, em que vivemos a modernidade líquida, segundo lição de Bauman (2001). Para este estudioso “é difícil conceber uma cultura indiferente à eternidade e que evita a durabilidade” (p.149). Por outro lado, Hall (2005, p.7) também argumenta:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais

das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Dessa forma as presentes alterações de “identidades” são percebidas como parte de um processo de mudanças, que está desarticulando o “homem moderno”, quanto a sua identificação no interior de cada comunidade (grupo, ou grupos), como também a forma de processos de atividades de vida de cada um dos indivíduos das sociedades do mundo moderno.

A historiografia foi buscar esses entendimentos nas investigações das relações, entre a história vivida nas comunidades, e das gerações humanas, para descrever, pensar e explicar a evolução no conhecimento do senso comum, e do científico, ou seja, o que sobreviveu, no tempo e no espaço e o que também foi produzido no passado, realizado por indivíduos, por grupos e pelas sociedades. A memória pessoal, coletiva e histórica se manifesta através de autores, baseados no processo histórico, na investigação desse conhecimento do passado, para se fortalecer, no presente e no futuro. Por esses vieses da memória, Halbwachs (1990, p.69) afirma que: “[...] há em cada época uma estreita relação entre os hábitos, o espírito de um grupo, e o aspecto dos lugares onde ele vive”.

Nesta perspectiva, a própria memória constitui a identidade local e regional, no que diz respeito à produção dos torneios das cavalhadas de argolinhas em tempos passados e recentes, na região de Campina Grande. De certa forma, a comunidade se identificava e ainda se identifica com o feito artístico popular, por isso, ao cair no gosto do público esse contato ajuda a quebrar fronteiras entre a população, e os que exercem a experiência na ação esportiva, da “brincadeira de argolinhas”. Sabemos que o indivíduo, ao criar laços no espaço vivenciado, começa a delimitar o seu território, demonstrando dessa forma cada etapa reconstruída em tempo diferente, o que se vincula a um estreitamento entre os hábitos de cada um. Talvez o mais importante seja a ideia predominante de um grupo, em que a sua rerepresentação está sujeita a novas práticas da sociedade moderna.

Por meio de relatos e de narrativas daqueles que tiveram participação, nos eventos festivos das cavalhadas, e que vivenciaram o contexto como experiência de vida, e como opção de lazer, tivemos informações de como estas pessoas se sentem. O senhor José Tropeiro, um dos líderes do folguedo das cavalhadas, informa numa linguagem simples, que a cavalhada de argolinhas se incorporou aos hábitos campinenses, cheia de encantos e, usa até alguns versos, a maioria falando de amor, de natureza e de devoção religiosa. Estes vieses da tradição sempre se realizam no mês de junho e o Santo festejado é São João, nas cavalhadas organizadas por Zé Tropeiro. É um tempo festivo, em Campina Grande, com variadas manifestações culturais, verdadeiro festival intercultural. Esta diversidade de comemorações, no mês de junho, também motiva o encerramento dos folguedos, promovidos pelas cavalhadas.

Com a participação da comunidade, ao realizar-se o espetáculo das cavalhadas, vem o reconhecimento dessa atividade cultural e popular como “patrimônio da comunidade” campinense. As pessoas que a praticam sentem-se mais valorizadas, e melhoram sua autoestima e passam a compreender o seu papel de atleta competidor, nos eventos representativos das cavalhadas. Os

brincantes tornam-se cada vez mais conscientes, na sua crescente função de divulgar, de desenvolver e envolver as pessoas da comunidade no seu tempo livre, com o fim de manter e incentivar esse tipo de conhecimento na região. A permanência dessa prática, contribui com um processo de integração e de conservação da memória oral, pessoal e coletiva, como também da manutenção da cidadania, no sentido de pôr em prática o uso que faz dos espetáculos. Mas outras atividades recreativas, hoje, estão surgindo, no campo e na cidade, talvez motivadas pelo desenvolvimento e pelo progresso. Conforme Certeau (1994, p.97):

É necessário ainda precisar a natureza dessas operações por outro prisma, não mais a título da relação que mantêm com um sistema ou uma ordem, mas enquanto há relações de forças definindo as redes onde se inscrevem e delimitam as circunstâncias de que podem aproveitar-se. [...]. Trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das “ações” que o fraco pode empreender.

Existem na ação do homem ordinário, que com sua astúcia reinventa, no cotidiano, práticas de vida, sonhos e desejos de fazer com que se aproprie de ideias dominantes, adequando a sua realidade ao viver e ao sobreviver do dia-a-dia, já existente. Com o senhor José Tropeiro não foi diferente, e através da ideia de fazer do seu universo de “homem comum”, no seu cotidiano, ele criou a prática e a possibilidade de sobrevivência, na região dos torneios da cavalhada de argolinhas. Segundo ele:

O começo das cavalhadas de argolinha, em Campina Grande, começou primeiro modo o sargento da Polícia Militar da Paraíba, Joaquim Raimundo Pereira, ele sabia de como se montava num cavalo e de como brincar de argolinha, aí, ele butou a gente pra ir aprendendo, até nós todos aprender de como se correr de argolinhas, ele gostava do partido do azul, ele era de como se fosse o mestre de todos nós junto na argolinha. Aí, o sargento Raimundo como era conhecido, disse pra eu, Zé Tropeiro, você daqui pra frente vai ser o mestre do cordão azul, e eu fiquei até agora como sendo o mestre do cordão azul. E, fiquei no lugar do sargento Raimundo e juntei quem quieria brincar de argolinha e comecei a organizar as argolinhas em Campina Grande, primeiro aqui, em Santa Rosa, e depois noutros lugar, como nos sítios, e noutros Barros. É como eu to dizendo de como foi que começou as corridas de argolinhas de Campina Grande (19 -01-2006).

Assim, vale salientar que tudo começou quando o senhor Joaquim Raimundo Pereira sargento da Polícia Militar do Estado, conhecedor da arte de montar a cavalo e cavalgar, como também de correr argolas, se propôs a treiná-lo e mais a um grupo de amigos. Treinaram e aprenderam como correr argolinhas. O sargento logo foi considerado o mestre de todo o grupo e, assim, se iniciou a cavalhada de argolinhas no espaço urbano/rural, de Campina Grande.

Nesse âmbito perceptível, a memória cidadina está presente e é marcante e significativa, como uma prática de expressividade cultural que valoriza a realidade local e regional. Organizada por pessoas envolvidas efetivamente pelas representações realizadas, nos eventos, congrega os interessados em torno das atividades que contribuem para despertar o gosto pela cultura popular, entendida também como um recurso para a construção da história do gosto do povo. O importante para os grupos não é escrever os acontecimentos, pois, o que é preciso é vivê-lo.

Daí introduzimos Halbwachs (1990, p.71), que justifica esta compreensão: “A história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem do seu passado”. A história rural/urbana de Campina Grande coincide com as realidades vivenciadas pelo povo, pois, os fatos do passado reproduzem a paisagem peculiar, onde a história tem um papel de fundamental importância no que se refere aos aspectos socioeconômicos e culturais. Este papel nasceu nas comunidades, que se constituem numa referência de si mesmas e representam muito mais do que um espaço físico, onde elas se localizam, construído com significados que muitas vezes extrapolam as explicações racionais. Como nos lembra Certeau (1994, p.202):

O espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos.

As diversas maneiras de uso e apropriação do espaço podem ser observadas no cotidiano das atividades desenvolvidas por pessoas que escolhem a sua forma de lazer, como as cavalhadas. Estas permanecem como testemunho de seu valor e de sua importância simbólica e mesmo que nas últimas décadas o espaço já não tenha as mesmas características, como por exemplo, tenha se tornado mais exíguo pelo avanço de construções, se constata ainda a existência de hábitos que atuam como marcas características do folguedo.

Tudo é guardado de memória, não havendo nenhum documento escrito que ateste o início e o modo específico de como se desenvolveram as cavalhadas de argolinhas. Eis por que os relatos, de que fala Certeau (1994), efetuam um trabalho incessante como forma de manter um corpus de informações, evitando que se perca no tempo a vivência de pessoas que dedicaram parte de sua vida e, especificamente, ao espetáculo de correr argolas. O Senhor José de Almeida Cruz detém-se nas cavalhadas de Boa Vista, na época que o lugar pertencia ao município de Campina Grande, nos idos de 1990 (29/04/94).

Não tenho lembrança de como surgiu, as corridas de argolinhas, aqui, em Boa Vista, talvez tenham vindo por alguém da região de Cabaceiras e, foi se espalhando de um lugar para outro. Geralmente era praticada preferencialmente por pessoas que tinham ligação com a roça (meio rural). Praticar essa brincadeira era sentir o prazer de competir e também de ganhar, na disputa das cores, azul e vermelho. O meu cordão preferido era o vermelho e, ainda é até hoje. Nas corridas de argolas de Boa Vista do meu conhecimento a penas uma pessoa era responsável por organizar a brincadeira conhecida por Virtulino de Almeida. A prática de argolinhas na região em número bem maior era os de profissão de fazendeiros, (por exemplo, minha pessoa, na época), os demais de profissão comerciantes, vaqueiros e agricultores, na época, todos ligados a vida rural. Correr argolinhas era a melhor diversão, o melhor momento como corredor era competir e ganhar, nunca cheguei a ganhar nenhum prêmio, mas tenho absoluta certeza de que existia prêmios, e que estava ligado a coisas de cavalos, por exemplo, uma sela, um gibão de couro ou um par de espora (16-05-2007).

Haja vista que o senhor José de Almeida Cruz habitava na antiga vila, hoje, cidade de “Boa Vista”. Ele diz que não tem nenhuma lembrança de como surgiram as “corridas de argolinhas” de Boa Vista, mas destaca como se dava a sua organização. É interessante observar que até fazendeiros e comerciantes delas participavam, o que mostra que o aspecto econômico era um fator importante, uma vez que havia distribuição de prêmios, de alto custo, como cavalos, selas e esporas. A memória dos informantes, permeada de lembranças, se enquadram na ótica de Halbwachs, resguardando a memória coletiva, que para ele apresenta ao grupo um quadro de si mesmo:

A memória coletiva é um quadro de analogia, e é natural que ela se convença que o grupo permanece, e permaneceu o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo, e o que mudou, foram as relações ou contatos do grupo com os outros (1990, p.88).

Neste espaço, acontecem mudanças, segundo as relações que mantenham com outros meios de integração de natureza socioeconômica e cultural. Na fala do senhor José de Barros de Araújo (Dedé) ele afirma que:

A nossa brincadeira esta sempre ameaçada por causa da falta de lugar e, tudo por que os terrenos da cidade e do campo tem donos. Por esse motivo estamos sempre mudando de lugar feito os siganos. Um outro problema bem maior é a falta do cavalo nos dias de hoje, é que entre a gente quase ninguém possui, é que o cavalo é o principal nas corridas de argolinhas, sem ele não acontece a brincadeira. Quanto as cores dos cordões é o que já foi dito por meu pai, que a gente usa as cores nas cavalhadas devido as cores dos pastoris que é dividido, em dois cordões: o azul e o vermelho, também é só eu posso dizer, que é vinda das pastorinhas de natal. A minha maior alegria é no momento quando o meu cordão ganha a corrida de argolinha, o meu cordão é o azul. Todos nos brincamos por que gosta e também por amor (18-01-2006).

Dedé, filho do senhor Assis, fala também sobre as questões do espaço físico, que põe em risco a continuidade da brincadeira de argolinha e aproveita para destacar o cavalo como um dos fatores decisivos dessa modalidade popular, no meio rural-urbano, representado por sitiantes, meeiros, arrendatários e pequenos proprietários de terras, que também tendem a escassear, face às dificuldades enfrentadas, principalmente as de ordem econômica e espacial.

O fenômeno localizado é cultivado por pessoas que atuam, movidas pela experiência e pelo gosto por estes espetáculos, e por todo zelo que têm pelo folguedo. Essa eficiência regula esses costumes populares com a história local própria, capaz de forçar sua presença no cenário sócio-artístico e cultural da cidade, onde a simplicidade dessa gente implica no processo de organização espacial, ao se realizar o jogo. O senhor Francisco de Assis Barros de Araújo (Assis) nos revela:

A gente tamos tão ligado a essa brincadeira de “correr argolas” do mesmo jeito ou como nosso senhor “Jesus Cristo” ta pregado na cruz. É, assim, qui nós se sentimo, como se fosse ele aqui, na nossa brincadeira e, qui é dessa mesma maneira de qui todos nós tamos ligado ao nosso passado, dessa nossa brincadeira, como vocês pode ver, pra gente fazer bem bonito, hoje, em dia. Agora, devido a cor das cavalhadas qui vem vindo de muitos anos atrás, em qui as pastorinhas vestia os vestidos, azul e vermelho, dividia em partido do azul e do vermelho e, qui acontecia sempre no mês de dezembro, na passagem de um ano pra outro, na vespa de natal, pra festejar o nascimento do menino Jesus (18-01-2006).

Seu Assis superestima o folguedo das cavalhadas de argolinha e destaca a importância do passado a que todos se sentem ligados. Podemos afirmar, segundo Pesavento (2003, p. 86), que “As palavras e imagens são formas de representação do mundo que constitui o imaginário”, também no que se refere às escolhas das pessoas. O passado amplia o imaginário e o jogo de imagens, em sua diversidade, influencia as pessoas nas escolhas feitas, no campo da cultura. O espetáculo é motivador e, na beleza do imaginário popular, convence as pessoas a acatarem o desejo de permanência do folguedo.

Sabemos que a legítima expressão de um povo contribui com a construção de uma identidade local, regional e nacional que caracteriza e designa a complexa totalidade do próprio termo que, a “cultura” traduz. Conforme Burke (2005, p.43) a cultura é “o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”, o que remete para a integração das pessoas naqueles valores que são prioritários. A ideia de cultura se vê presente na construção da realidade e faz parte do senso comum, a que a maioria das pessoas adere.

Falar de identidade cultural não é fácil, quando está ocorrendo um processo de globalização econômica, como uma nova ordem mundial, ou como um modelo único. Tal abordagem está estruturada e é discutida em uma extensa referência que se contextualiza como teoria do conhecimento. Zaoual (2001, p.8) observou que este aspecto:

[...] consiste na elaboração de uma teoria do local, em sua dialética com a global, designada como teoria dos “sítios simbólicos de pertencimento”, ou de “pertence”, [...] remetendo a significados específicos definidos pelos seus atores que, em função de sua identidade, de um lado, aceitam ou recusam o que lhes é proposto ou imposto de fora e, por outro, procuram soluções originais para seus problemas.

O homem ao buscar uma identidade homogeneizante, confrontou-se com a própria diversidade e, diante de si mesmo, reconheceu a necessidade de estabelecer novas práticas e modelos culturais. Segundo Hall (2005, p.14), as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas”.

As culturas, ao invés de se misturarem, sob a égide das comunidades representadas pelos adeptos das cavalhadas de argolinhas, têm tentado se proteger e preservar a sua identidade cultural, como é o caso das comunidades do município de Campina Grande, que preservam e praticam o folguedo e não conseguem viver sem esses laços do passado, no presente, com suas raízes, mostrando que os grupos precisam de seu espaço, como identificação da realidade vivenciada por eles.

As cavalhadas, na sua passagem pelo tempo, têm o seu espaço na cultura popular e/ou folclore, e estão ligadas às origens, na continuidade da tradição, guardando ainda resquícios de suas origens ibéricas, uma vez que se apresentam como um torneio, em que um dos lados da contenda será vitorioso. O folguedo do jogo de argolas de Campina Grande é um exemplo desse “retorno às raízes” e passou a ser visto como símbolo de identidade, pois, quando o indivíduo chega a estabelecer uma relação efetiva com o meio em que vive, acaba criando raízes, o que aponta para manutenção da tradição. Isto permite focalizar Câmara Cascudo (1971) para quem:

Tradição é essa transmissão, que se faz principalmente pelo conhecimento humano passada de uma geração a outra, de um povo para outro, através do tempo em um dado momento. Esses enraizamentos culturais presentes, desde heranças passadas transmitidas através do tempo num espaço, explica e conceitua essas tradições no folclore popular brasileiro (p. 9-10).

O homem, então, revela e mantém essas reminiscências culturais e populares. Porém, é importante destacar, contextualizando que a tradição evolui natural e espontaneamente, dando origem às manifestações culturais nascidas nas comunidades e preservadas pelo povo e pelos tempos a fora, sofrendo modificações de tempo e de lugar, assimilando inovações, adquirindo materiais de uns e de outros, como forma de preservar o estabelecido, mantendo a tradição.

5. CONCLUSÃO

Em síntese, as cavalhadas de argolinhas são um folguedo popular, que provém de um processo de seleção sócio-artística e cultural que funciona, de acordo com o contexto social, no qual estão inseridos os indivíduos dos jogos de argolas, permitindo, dessa forma, a compreensão do sistema de aculturação das cavalhadas de argolinhas, em território brasileiro, como também da mesma forma, em território paraibano e, em particular, no município de Campina Grande, como um espaço dinâmico e de representação ou reelaboração de como correr argolinhas. Diante desta expressão artística e cultural e da trajetória deste trabalho, procuramos observar e destacar a necessidade de preservação das identidades locais e regionais das cavalhadas de argolinhas de Campina Grande-PB.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Osny, e TORNI, Oswaldo. (orgs.). **Folclore no Brasil: danças recreação - música**. Vol. I, 2. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, s.d.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo, Hucitec, 1987.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **Cultura brasileira: temas e significações**. São Paulo: Ática, 1987.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**. Goiânia: Oriente, 1981.
- _____. **A educação como cultura**. Campinas, S. P: Mercado de LETRAS, 2002.
- BRANDÃO, Théo. **Cavalcadas: folguedos natalinos**. Maceió: Departamento de Assuntos Culturais, 1973.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CALDAS, Waldenyr. **Cultura**. São Paulo: Global, 1986.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo. EDUSP, 1997.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3.ed. Brasília: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1992.
- _____. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. Ilus. São Paulo: Global, 2001.
- _____. **Tradição, ciência do povo**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- CASTELLS, Manoel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: O discurso competente e outras falas**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDALL, Zeny, (orgs). **Geografia cultural: um século (II)**, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2000.
- CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDALL, Zeny, (orgs). **Introdução a geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DENZIN, N. K. LINCOLN, Y. S. e colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

- FELDMAN-BIANCO, Bela, LEITE, Miriam L. **Desafios da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.
- FLAVIENSE, Alexandre Caetano Gomes. **História do imperador Carlos Magno e dos doze pares de França**. Rio de Janeiro: Livraria Império, s.d.
- FLORI, Jean. **A cavalaria**: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005.
- FRADE, Cásia. **Folclore**. 2. ed. São Paulo: Global, 1997.
- GOLDMAN, Lucien. **A sociologia do romance**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- HAESBAERT, Rogério. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In: LOPES, Luis Paulo da Moita (org.). **Identidades**: recortes multi e interdisciplinares. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart, **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LAPLANTINE, François. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- LE GOLF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1992.
- MEGALE, Nilza Botelho. **Folclore brasileiro**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NOBREGA, Geralda M. "A cumplicidade da morte e da vida em sintonia com o imaginário da desolação nordestina". In: QUEIROZ, Rosangela (org.). **Estudos literários e sócio-culturais**. Campina Grande: EDUEP, 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SOUTO MAIOR, Mario. **Dicionário de folclore para estudantes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco Massangana, 2004.
- TINHORÃO, José Ramos. **A festa no Brasil colonial**. São Paulo: Ed.: 34, 2000.
- VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira**: o que é, como se faz. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- ZAOUAL, Hassan. **Globalização e diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2003.